

Oásis na Desertificação Escolar

Em tempos de avanço tecnológico e redesenhos expressivos na teia social, tempos em que a educação é devorada, para o bem e para o mal, pela Inteligência Artificial e por dilemas sociais, o espaço escolar por muitas vezes se apresenta aos estudantes como um ambiente hostil, aterrador, inseguro e propenso a vigorar a “lei do mais forte”. Embora, esta não seja uma lei escrita, é exercida com uma violência simbólica e contumaz, tornando a escola um lócus opressivo e carente de inclusão sendo um espelho de diferentes desigualdades sociais.

Nesse cenário, certamente usufruindo-se das brechas legislativas que normatizam a educação e do círculo vicioso na qual ela está presa, é inegável que o processo de ensino-aprendizagem fica comprometido e onde deveria ser o espaço de produção do saber e de valores coletivos passa a funcionar como “depósito de pessoas”. Aqui estamos nós, alunos e profissionais da educação. E não é por acaso que prefaciamos este posfácio falando sobre o estado atual da educação pública brasileira e não dos textos dessa coletânea.

Assim sendo, em lugar de ser a morada em que se frutifica o saber/sabor¹ da aprendizagem se apresenta como espaço desertificado, pois, acaba por reforçar a cultura hegemônica de segregação e manutenção da ordem estabelecida, em outras palavras, a inoperância ou a “aparente imagem de sucesso” da escola pública só precisa continuar do jeito que está para a manutenção dos privilégios seculares.

A responsabilidade de ensinar, de produzir saber, de criar elos afetivos e aprendizagens significativas a partir de um campo de experiências (do conjunto de saberes historicamente construídos pela humanidade)² para horizonte de expectativas para a construção de um projeto de futuro que atende suas demandas de existência fica seriamente comprometida. E a inquietação sobre o que fazer se impõe...

¹ Nietzsche, F. (2012). *A Gaia Ciência*, (P. C. Sousa, Trad.). Companhia das Letras.

² Koselleck, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, (W. P. Maas & C. A. Pereira, Trad.). Contraponto; Ed. PUC-Rio.

Diante do exposto, a questão que surge é: “como enfrentar tudo isso?” “Como reatar o elo entre ensino/aprendizagem e a vida? “Como fazer da escola um espaço aprazível, de acolhimento e cuidado?” Como enfrentar o processo de desertificação da escola e da aridez das ideias?

Talvez não tenhamos respostas para todas essas questões, mas partindo da premissa que se a escola de fato passa por um processo de desertificação, o primeiro ponto seria prosseguir a partir dos “oásis” do espaço escolar e estabelecer comunicações entre eles, para que aos poucos recuperemos o espaço escolar e a sua integralidade.

Um dos “oásis” do espaço escolar que encontramos está localizado na biblioteca escolar, espaço este, muito desprezado tanto pelas autoridades públicas que insistem em pressionar a escola para fazer deste um depósito³ como também da grande maioria dos alunos que não a frequentam.⁴ Contraditoriamente, esta indiferença despreza a morada do saber, uma fonte inesgotável de conhecimento, seguindo a alegoria do Editorial que abriu este documento, a biblioteca escolar constitui-se uma verdadeira árvore cujas folhas, frutos, galhos e raízes possuem poder e fertilidade transformadora.

A descoberta desse “oásis” foi feita pelos próprios estudantes que por uma ligação afetiva pela leitura criam o “Clube da Leitura” onde desde então, passa a ser um local de acolhimento, cuidado e criação e consolidação de laços afetivos de amizades e de trocas de experiência em torno da prática da leitura. Aqui não há uma resposta, mas um diagnóstico: a existência dos textos literários acima, ocorreu pelo encontro entre leitura e leitores. Este encontro possui lugar: a [desprezada] biblioteca.

O processo de revigoramento do espaço escolar partiu das iniciativas dos próprios estudantes acompanhados por alguns professores da unidade escolar (Prof.^a Márcia Baronio – matemática e responsável pela Biblioteca Escolar, o Prof. Dr. Cristiano Reis – historiador, Prof. Dr. Diego Sousa – língua portuguesa, e a Prof.^a Ms. Jennifer, sociologia). Livros unindo leitores, forjando o sentido de ser não apenas da biblioteca, como também da escola: ler e escrever o mundo.

³ Entre outras coisas, a biblioteca da nossa escola passa a ser os depósitos dos carrinhos de Chromebooks ofertado pelo governo do Estado de Mato Grosso, tornando o espaço inadequado ao fomento da prática da leitura.

⁴ Senado Federal. (2025, outubro). *Cultura da leitura em declínio e o avanço do analfabetismo funcional no Brasil*. Senado Notícias.

Foi, justamente, este desprezioso e pequeno núcleo de leitores que foram o motor inicial do clube da leitura a partir do qual foram ganhando vida novas ideias e eventos escolares que marcavam a celebração da produção literária por meio da leitura e da escrita como visto neste dossiê que tivemos a satisfação de organizar.

Tais encontros a partir de então, ficaram marcados pela premissa da horizontalidade do saber e da curadoria individual dos integrantes do grupo (alternando entre professores e estudantes nesse processo), durante o espaço de tempo determinado pelo intervalo escolar, o que dava cerca de quinze minutos nas quartas-feiras para ler e discutir a referência de leitura daquele encontro.

Como se percebe, as leituras, discussões, reflexões e até mesmo inflexões⁵ ocorriam nesse curto intervalo de tempo de quinze a vinte minutos e de fato, colocava o condicionante dos curadores da leitura da semana não escolherem obras monumentais em números de páginas.

Diante dessas condições, as leituras eram pautadas em poesias, crônicas, contos, resumos, letras de músicas, novelas etc. constituindo um momento de aprendizado coletivo entre professores e estudantes e apreciação de diferentes autores que iam desde clássicos como Franz Kafka a artistas como “Engenheiros do Avai”.

Nossas palavras, de sorte, não refletem o que este dossiê representou para nós professores, alunos e toda a comunidade escolar. Mas vale dizer que em um período de dureza e infertilidade no campo da educação e no contexto social onde nossa escola está inserida, flores podem e nasceram do asfalto. Estudantes com toda a sorte de problemas e desafios encontraram não um ponto de fuga, mas de saída: lerem e escreverem seu lugar no mundo. Viva a Literatura!

Recebido em 05/01/2026

Aceito em 21/01/2026



<https://doi.org/10.67204/riel.v4i7.2983>

⁵ A ressonância da ideia de inflexão na filosofia de Gilles Deleuze remete um pensamento que se desdobra no próprio sujeito. Ver Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco*, (L. B. L. Orlandi, Trad.). Papirus.